



VOL. 5 | N. 10 | JUL/DEZ DE 2019 | ISSN 2359-4489

CATOLICISMO, PODER E SOCIEDADE



FACES DE CLIO

Lágrimas no púlpito

A morte de D. Pedro III na parenética de Teodoro de Almeida

Júnior César Pereira

[Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina, atualmente é mestrando pelo PPGHS da mesma instituição, bolsista CAPES, E-mail: juniorenghawaii@hotmail.com]

Resumo: o trabalho em tela pretendeu explorar a relação entre a esfera do político e do religioso a partir de uma prática cultural muito presente no cotidiano dos grupos que formaram a civilização ocidental moderna, a oratória sagrada. Tendo como fonte de análise um sermão pregado pelo padre Teodoro de Almeida (1722-1804), importante membro da Congregação do Oratório de Portugal, e um dos principais responsáveis pela difusão das ideias iluministas em solo lusitano, buscou-se mostrar como a morte do rei D. Pedro III foi refletida no púlpito, em um discurso que articula diversas representações da vida social, pretendendo-se instrutivo no campo comportamental aos indivíduos que porventura ouviram ou viriam a ler a peça oratória.

Palavras-chave: Teodoro de Almeida, Parenética, Política.

Teas of the púlpito

The death of D. Pedro III in the parenetics of Teodoro de Almeida

Abstract: the work on canvas was intended to explore the relationship between the sphere of the political and the religious from a cultural practice very present in the daily life of the groups that formed the modern western civilization, the sacred oratory. Having as a source of analysis a sermon preached by Father Teodoro de Almeida (1722-1804), an important member of the Congregation of the Oratory of Portugal, and one of the main responsible for the diffusion of the Enlightenment ideas in Lusitanian soil, it was tried to show how the death of the King D. Pedro III was reflected in the pulpit, in a speech that articulates diverse representations of the social life, pretending to be instructive in the behavioral field to the individuals who perhaps heard or would come to read the oratory piece.

Keywords: Teodoro de Almeida, Parenetics, Politics.

Introdução

As sociedades ocidentais modernas eram compostas por muitos indivíduos desprovidos de educação formalizada, implicando em enormes contingentes de pessoas analfabetas e iletradas. Sendo a religião muito importante no cotidiano, uma prática incrita no interior da esfera do sagrado desempenhou papel de fonte transmissora das doutrinas religiosas, de modelos de conduta, e também de ideias políticas. Essa prática era a oratória sagrada.¹

Renomado estudioso de sermões na modernidade portuguesa, João Francisco Marques aponta a importância de tais fontes para a pesquisa do historiador:

o sermão diz respeito à ideias e crenças que impregnam a visão dos acontecimentos, como a da prática cotidiana, do mundo, do destino humano e das nações. A atitude psicológica do homem e da comunidade a que pertence, face aos problemas concretos que se lhes põem é ditados por mitos coletivos e concepções religiosas padronizadas. Para se compreender a produção parenética em causa é necessário descobrir a mentalidade que lhe está na base e explica o tipo da argumentação utilizada. Os sermões são frutos do pensar, sentir e agir de quem os concebe e profere. Por isso, se eles podem acusar particularismos e intenções nem sempre claros, encontram-se também disponíveis para traduzir toda uma vivência coletiva que reflete e serve admiravelmente a atmosfera existencial da conjuntura histórica.²

Em outras palavras, o sermão é um dispositivo pedagógico designado a apregoar e fazer cognoscível e persuasivo aos ouvintes um preceito religioso na esfera do dogma, moral e culto. O teor ideológico que expressa decorre do fato de o pregador, propondo uma efetividade que leve à harmonia entre a fé e as obras na vida cotidiana, estabelecendo a sua representação a um auditório iletrado, com raros meios de se educar intelectualmente.³

A identificação do pregador como representante divino no mundo, ministro de sua palavra, confere uma autoridade e dignidade únicas ao seu ensinamento. Pertencente a uma instituição hierárquica que lhe impõe a missão de ensinar a verdade salvífica, torna-se intérprete e transmissor de uma mensagem teologicamente formulada em doutrina e preceitos, a implicar um vocabulário específico que, para se tornar acessível face à heterogeneidade, dos ouvintes, o põe a não poucos problemas de linguagem.⁴

¹ BRAGA, Isabel M. R. Drumond. As realidades culturais. In: MENESES, Avelino de Freitas (cor). **Nova história de Portugal: Portugal da paz da Restauração ao ouro do Brasil**. Editorial Presença, 2001, p.509.

² MARQUES, João Francisco. **A Parenética Portuguesa e a Restauração**, 1640-1668, a revolta e a mentalidade. Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989, p.33

³ Ibidem, p.12

⁴ Ibidem, p.14

O pregador deveria estar atento às contingências da realidade, saber adaptar o discurso religioso ao contexto histórico em que vivia junto aos fiéis. Nesse sentido, por proferir um discurso relativo à problemas enfrentados em um momento histórico concreto, a pregação refletiria a diversidade de problemáticas e auditórios.⁵

Sendo impossível para o historiador ter acesso ao que foi dito integralmente no momento da pregação, resta-lhe investigar os sermões impressos, com estatuto de documento histórico. Mesmo assim, os sermões exprimem tensões sociais diversas, inquietações, euforias, outros tantos ânimos, além de ideários políticos etc. Não obstante os regimes de historicidade inerentes à produção do conhecimento histórico, tais documentos não perdem sua validade, de algo que teria ocorrido. Como nos lembra João Francisco Marques, “mesmo sua expressão retórica é um dado cultural, é uma linguagem situada no tempo, é o invólucro do discurso que deve levar o ouvinte a uma adesão convicta.”⁶

Tendo em mente tais considerações, uma análise cuidadosa dos sermões de um determinado tempo deve levar em conta diversos elementos, como os componentes sociológicos, geográficos e pragmáticos do sermonário, além do lugar do seu autor no tempo em que produziu tal material, os locais onde os sermões foram proferidos, os momentos, seus alvos, os motivos circunstanciais, os fins imediatos, e as diferenças entre o suporte material da mensagem e seu conteúdo mesmo.⁷

Sendo assim, pensamos que a obra parenética de Almeida se configura como importante fonte cultural para a compreensão do mundo social português da segunda metade do século XVIII. Pois ela pode ser vista como uma representação daquela sociedade que no meio de outras descreve aquela realidade tal como ele pensava que ela era ou como desejava que fosse.

Para mais, tal interpretação deve ser compreendida e remetida à instituição da qual o orador sagrado pertencia, a Congregação do Oratório, importante pólo sintetizador da cultura católica e das ideias iluministas que se forjavam na cultura daquele tempo, lugar onde Almeida se formou tendo acesso mecanismos fundamentais para a construção dos sentidos atribuídos aos modelos comportamentais preconizados em toda sua obra além dos Sermões.

Não obstante, no trabalho que segue voltamos nossa atenção para um tipo de sermão específico, o sermão fúnebre/laudatório. Única peça desse cariz no corpus parenético do padre

⁵ *Ibidem*, pp.15-16

⁶ *Ibidem*, p.20

⁷ *Ibidem*, p.22

oratoriano, o *Sermão na Restituição da Imagem de Nossa Senhora das Necessidades, na sua igreja de Lisboa em 1786, depois do falecimento do Senhor Rey Dom Pedro III* nos permite acessar o imaginário cultural português setecentista a partir de uma prática discursiva que articula diversas representações daquele mundo social.

Começemos então apresentando a pavimentação de nosso trajeto, que vai de uma compreensão da religião como sistema cultural que se cruza com a esfera política, alguns traços da trajetória de Teodoro de Almeida, a parenética como fonte de pesquisa e a análise descritiva de nossa fonte.

Pensar a religião e a política a partir da cultura

Na sua célebre obra *A interpretação das culturas* Clifford Gertz abordou a religião como um sistema cultural. Segundo tal definição uma religião consiste em:

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁸

Desse modo, a noção de símbolo utilizada pelo autor é a de “objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como veículo a uma concepção – a concepção é o “significado do símbolo”. A investigação de uma prática cujo simbolismo configura o conteúdo positivo, uma atividade cultural, é a realização de uma análise social. As práticas culturais, a produção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros, inclusive os políticos.⁹

Nessa ótica, os sistemas simbólicos também podem ser entendidos como padrões culturais e representam fontes extrínsecas de informação. Eles fornecem programas para os processos social e psicológico que conformam o comportamento público. Os padrões culturais são extremamente relevantes, uma vez que as fontes de informações interiores (genes e fisiologia) são instáveis. Os padrões culturais assumem duas dimensões modelares: funciona como modelo “da” realidade e como modelo “para” a realidade. Os modelos “para” funcionam para estabelecer informações para padrões de comportamento. Por sua vez, os modelos “de” são a representação de modo simbólico destes padrões de comportamento,

⁸ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Editora Guanabara, Rj, 1989, pp.104-105

⁹ Ibidem, p.105

viabilizando a vida humana. Os modelos “de” são concepções gerais e os modelos “para” são disposições mentais¹⁰.

Às atividades religiosas dizem respeito dois tipos de disposições: o ânimo e a motivação. A motivação é uma tendência crônica para a execução de determinados tipos de atitudes e experimentar certas espécies de sentimentos em algumas ocasiões, ou seja, motivações são duradouras e significativas quanto a seu fim. Já os ânimos são significativos quanto a seu surgimento, são intensos enquanto duram, mas possuem menor duração que as motivações, surgem e desaparecem com facilidade.¹¹

A religião, além de incitar motivações e disposições, elabora ideias gerais de organização, caso contrário, segundo o autor, ela seria apenas um arranjo normativo da moralidade. Dessa forma, a religião, sempre necessita explicar a ordem geral das coisas, independente do modo como o faça.¹²

A questão do significado (o fato de existirem a perplexidade, a dor e o paradoxo moral) é um dos principais fatores da crença religiosa. O postulado mais elementar da perspectiva religiosa é que “aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar”. Uma perspectiva religiosa é um modo de entendimento, um entre outros modos. Esta perspectiva difere da do senso-comum, da ciência e da estética. Ela repousa em uma aura “verdadeiramente real”, a qual suas atividades simbólicas se devotam a produzir.¹³

Em síntese, o difícil entendimento de determinados fatos implica na dúvida, que se torna bastante desconfortável, quanto à existência de uma ordenação verdadeira do mundo. No entanto a religião elabora, em contrapartida a toda esta dúvida, uma ordem do mundo que apresentará respostas confortáveis para as possíveis contradições. Nesse sentido, a religião pode ser entendida como um modo de conhecimento do mundo.¹⁴ Em Portugal, do decorrer do setecentos e início do oitocentos, o padre oratoriano Teodoro de Almeida assumiu papel de relevo no meio evangelizador.

Um luminar da cultura portuguesa setecentista

¹⁰ Ibidem, p.106

¹¹ Ibidem, p.106

¹² Ibidem, p.112

¹³ Ibidem, p.113

¹⁴ Ibidem, p.127

Teodoro de Almeida nasceu no dia 7 de janeiro de 1722 na cidade de Lisboa. Filho de Ivo Francisco de Almeida e Luísa Maria, foi o terceiro filho do casal, que daria a Teodoro mais três irmãos. As irmãs mais velhas se chamavam Maria e Teresa, sendo Antônio, Paulo e José os mais novos.¹⁵

A educação formal do jovem se deu na Congregação do Oratório, instituição que teve seus pilares erigidos em Roma no ano de 1565, pelo clérigo florentino Felipe Neri, a quem Teodoro de Almeida, semelhante à outros padres filipinos, dedicaria alguns sermões, enfatizando sua vida como modelo de conduta ideal a ser seguida.¹⁶

Em Lisboa a Congregação do Oratório possuía duas casas: a Casa do Espírito Santo e a Casa de Nossa Senhora das Necessidades. Os padres congregados prestavam auxílio ao Hospital de São José, local onde detinham uma capela. Além disso, a Congregação do Oratório era também designada por Congregação do Oratório de São Filipe Néri e Nossa Senhora da Assunção.¹⁷

Sua fundação na capital portuguesa ocorreu em 1659, graças ao Padre Bartolomeu do Quental, capelão e confessor da Casa Real, postos auferidos por meio de nomeação decretada através da pena de D. João IV, a 22 de Outubro de 1654. No ano de 1659 Quental fundou uma associação de sacerdotes, intitulado-a de Congregação de Nossa Senhora das Saudades.¹⁸

Podemos dizer que as três principais instâncias privilegiadas pela pedagogia espiritual oratoriana eram: os exercícios diários em oratório, a confissão e a parenética. Os estatutos previam um grupo sempre atuante e presente. Os sermões eram orientados por finalidades pragmáticas, para conversão das almas, sendo que a explicação dos mistérios da fé deveria ser feita com brevidade e clareza para se instalarem eficazmente na memória.¹⁹

Por meio do magistério, os padres oratorianos tornaram-se importantes meios para a formação dos jovens congregantes, seja na explicação da lição espiritual e na espécie de sessão de perguntas e respostas que se lhe seguia, como na pregação e perfeição de vida, reabilitando, pelo sublinhar desta dupla necessidade, a dignidade do estado sacerdotal. Mais

¹⁵ GOVASKI, Patrícia. **Ilustração e filosofia natural em Portugal : a Recreação Filosófica (1751-1800)** do padre Teodoro de Almeida. Universidade Federal do Paraná: Dissertação de Mestrado em História, 2017, p.30.

¹⁶ SANTOS, Zulmira C. **Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutorado, 2002, p.222

¹⁷ Ibidem, p.223

¹⁸ Ibidem, p.224

¹⁹ Ibidem, pp.232-234

que o conhecimento científico, importava o perfeito viver, o desenvolvimento de condutas apropriadas para a salvação das almas.²⁰

Fato é que nas primeiras décadas do setecentos a projeção social dos Néri ficava cada vez mais evidente. Tal afirmação pode ser entendida conforme o desenvolvimento progressivo da vertente pedagógica oratoriana, além do fato de que muitos de seus membros passaram a cultivar relações próximas ao governo real.²¹

Nesse ambiente Teodoro de Almeida foi admitido como membro aos 13 anos de idade, acontecimento fora dos padrões da instituição, conforme indica os estatutos da mesma, que preconizava os 18 anos de idade para o ingresso de seus membros. Dessa forma, estudou três anos de Filosofia sob a tutela do padre João Baptista de Castro e quatro de Teologia. Seus estudos na área de matemática se deram sem auxílio de nenhum mestre.²²

Em 1744, Teodoro de Almeida ordenou-se sacerdote, assumindo logo na sequência o posto de pregador da congregação lisboeta. Em 1748, foi nomeado professor de filosofia do Convento das Necessidades em substituição do padre José da Motta, posto ocupado até 1754, tendo como pupilos, entre outras figuras da nobreza, José Maria Távora, filho do Marquês de Távora.²³

A publicação dos dois tomos iniciais da *Recreação Filosófica*, sua obra magna se deu no ano de 1751, sendo que o segundo veio à tona no ano seguinte, e o quarto em 1757. Suas bases filosóficas indicavam a formação ilustrada que teve. Descartes, Newton, Locke e uma gama de outros importantes pensadores endossavam as atividades intelectuais do clérigo, que contribuiu em grande medida para a conformação do iluminismo português.

Muitos eventos ocorridos na década 1740 contribuíram para a participação de Portugal no clima das Luzes que era difundido a partir da França e da Inglaterra. Devemos lembrar da publicação do *Verdadeiro método de estudar*, de Luís Antônio Verney, e da *Lógica racional, geométrica e analítica* de Manuel Azevedo Fortes, obras fundamentais para a execução das reformas educacionais promovidas pelo Marquês de Pombal três décadas depois. Os trabalhos científicos apresentados por D. Rafael Bluteau e pelo 4. Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses também foram bastante significativos no que tange à utilização dos novos métodos científicos em solo lusitano.²⁴

²⁰ Ibidem, p.235

²¹ Ibidem, p.236

²² GOVASKI, op.cit., p.43.

²³ Ibidem, p.44

²⁴ Ibidem, p.35

Sob a égide do rei D. João V verificam-se diversas medidas para a participação do Reino lusitano nesse novo cenário, como a instituição da Aula de Física Experimental no Palácio das Necessidades, e ainda as aulas de Filosofia proferidas pelo P. João Baptista na Congregação do Oratório, como dito anteriormente.²⁵

No entanto, a trajetória de Teodoro de Almeida tomara rumos complicados. De acordo com Eugênio dos Santos:

Nos anos que cobrem os fins da década de cinquenta e os inícios da seguinte, a maioria dos membros do instituto a que Teodoro pertencia mantinha relações difíceis com o poderoso ministro de D. José. A intransigência deste último tinha que fazer vítimas entre aqueles que ousassem opôr-se-lhe. E foi o que aconteceu ... Quatro dos filipinos mais ilustres tiveram que deixar Lisboa a caminho do desterro. Chamavam-se João Baptista, João Chevalier, Teodoro de Almeida e Clemente Alexandrino. O primeiro e último foram para o Hospício de Monção de onde, depois, o padre alexandrino, irmão de João Baptista, passou para Viseu, prestando a essa cidade excelentes serviços. Teodoro rumou ao Porto e João Chevalier esperava-o o remoto Alto Douro, como já referimos. Que crime, afinal, haviam cometido? Recusaram o *imprimatur* às ideias regalistas da obra *De Protestate Regis* escrita pelo intendente geral de polícia Inácio Ferreira Souto ‘mas inspirada diretamente por Pombal’. João Baptista e Teodoro manifestaram sem equívocos o seu desacordo para com a doutrina do escrito. O mesmo acontecendo, ao que se presume, aos outros dois, até porque João Chevalier era homem de prestígio firmado.²⁶

Nesse seguimento, os dias que se seguiram na trajetória de Teodoro de Almeida foram marcados pela perseguição do Marquês de Pombal, tendo que partir de Lisboa imediatamente, reconhecendo morada na cidade do Porto, onde chegou no dia 15 de julho de 1760.

Nessa cidade, obteve acolhimento e sustentação para continuar exercendo seus trabalhos de missionário e cumprindo suas obrigações apostólicas até 1768. Para mais continuou o projeto de sua *Recreação Filosófica*, publicando mais três tomos: o quinto é de 1761, o sexto veio à luz em 1763, mesmo ano da publicação dos *Gemidos da mãe de Deus*, e o sétimo foi publicado em 1768 e *O Tesouro da paciência* é de 1765.²⁷

Teodoro permaneceu um tempo alojado na casa do padre Inácio de Moraes. No entanto seu tempo de paz no Porto chegou ao fim quando foi obrigado a interromper uma missão em Trás-os-Montes, debandando para o norte amparado pelo amigo padre Manuel Betencourt.²⁸

²⁵ BIRON, Berty. Considerações acerca do iluminismo luso-brasileiro. RCL, **Convergência Lusíada** n. 32, julho - dezembro de 2014, p.1.

²⁶ SANTOS, Eugênio dos. Para a história da cultura em Portugal no século XVIII: Oração de abertura da Academia de Ciências de Lisboa do padre Teodoro de Almeida. **Repositório Digital Universidade do Porto**, 1980, p.53-90, p.63.

²⁷ SANTOS, Op,cit, p.70

²⁸ Ibidem, p.71

Sua primeira parada na rota de fuga foi a Galiza, onde chegou depois de ir se escondendo e caminhando. Todavia, ali também não encontrou paz. Pensou em ir para a Holanda auferir sossego. Tentou transporte marítimo, mas de Vigo só havia barco para San Sebastián ou para Bordéus. Optou pela primeira cidade pensando poder partir para os Países Baixos ou para Bayonne. Chegou em San Sebastián em 3 de dezembro totalmente exausto pela horrível viagem. Ninguém o quis acolher pensando ser um jesuíta, teve que dormir nos adros das igrejas.²⁹

Devido dos inúmeros inconvenientes enfrentados em sua rota de fuga pelos mares, o oratoriano desenvolveu um grande repúdio por viagens de barco. Desistiu da viagem à Holanda, lugar de desejada acolhida que figurava em seu horizonte de expectativas por conta do horror auferido às viagens marítimas.³⁰

Recebe permissão do bispo local para exercer sua atividade pastoral, mas a sanha de Pombal implica em sua expulsão do território ibérico de onde é acompanhado por um agente de autoridade com baioneta até a fronteira francesa. Em fevereiro de 1769 se hospeda no bairro judeu do Espírito Santo na França. Ganha certa fama pelas disputas teológicas mas se enfada e vai para Bayonne onde consegue alojamento no mosteiro da visitação ficando aí por oito anos.³¹

Nas paisagens francesas aliou as funções eclesiásticas à docência. Lecionou Física, Geometria e Álgebra ganhando fama de bom mestre. Sua fama na região irrita o marquês que nunca o perdeu de vista. A diplomacia fazia pressão para a sua expulsão, mas Almeida se ausentava no campo nas ocasiões em que os oficiais iam até sua morada para emitir o comunicado de expulsão.³²

Por 1774 Teodoro de Almeida encontra-se estabelecido, vivendo o auge do seu prestígio nesse tempo de exílio. Seu concurso científico era disputado, recebeu convites da Sociedade Vascongada de Amigos Del Pais e de Ferrol para ser professor de futuros marinheiros. De Auch e de Brest vieram convites semelhantes, aceitando lecionar na primeira cidade.³³

Ali cultivou sólida amizade com o franciscano Ambroise Lombez, cuja obra traduziria para o português. Em Portugal, o *Tratado da paz interior* veio à lume em 1783.

²⁹ Ibidem, p.72

³⁰ Ibidem, p.73

³¹ Ibidem, p.74

³² Ibidem, p.75

³³ Ibidem, p.76

Se por um lado, os anos finais de seu exílio deram-se sob conforto e estabilidade financeira, por outro, a saudade de sua terra natal não o deixava completamente em paz. Em finais de julho recebe a notícia em Auch da queda de Pombal. Parte de Bayonne em dezembro. O retorno à pátria ocorreu em maio de 1778, quase um ano após a queda de Pombal. Em Lisboa, não tardou em retomar aquilo que o diferenciou entre os demais, a aguda lida com as matérias do intelecto, atividade desempenhada também na Academia das Ciências de Lisboa.³⁴

Na década de 1790, além de produzir o nono tomo da *Recreação Filosófica* (1793) Teodoro publica ainda as seguintes obras: *Entretenimento do coração devoto com o Santíssimo coração de Jesus seguido de alguns actos de desagravo e outros obséquios para passar devotamente a hora que cada vez se toma de adoração do Coração Santíssimo* (1790). *Descrição do planetário universal, pela direção do p. Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório da Casa do Espírito Santo*. (1796). *Meditações dos atributos divinos para todo o ano, oferecidas ao serenissimo príncipe Dom João, gloria, e consolação dos portugueses*. 4 vols. (1796). *A morte alegre do filósofo cristão. Vol I. Opusculo sobre diversos assumptos por T.A.C.O.* (1797). *O pastor evangélico repartindo o pasto da Divina palavra nas práticas familiares dos domingos e festas oferecido ao excmo e rev.mo Senhor Arcebispo Primaz* (1797-1799).

Dos anos 1800 são o décimo tomo da *Recreação* e ainda *A vida alegre do filósofo cristão* (1803) e o poema *Lisboa destruída poema* (1803). Entre 1792 e 1795 Teodoro de Almeida retornou à docência na Congregação do Oratório, ministrando aulas de Filosofia natural na Casa das Necessidades. Nos anos finais do século XVIII continuou atuando vigorosamente nestes mesmos ambientes de produção intelectual. Faleceu em 10 de abril de 1804.³⁵

Parenética como prática discursiva

Ao longo do período moderno a oratória sagrada atendia a vários objetivos, sendo bastante diversificada. Havia a pregação com fins pedagógicos, pastoral ou ordinária, objetivando a educação para a fé, realizada pelos bispos e párocos, além das pregações de cunho encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de

³⁴ Ibidem, p.77

³⁵ Ibidem, p.78

graças) e gratulatório (regozijo). A oratória cortesã e cidadina, era função do pregador régio, homem relevante no meio político. Seu cariz era mais abrangente do que o religioso, alcançava interesses sociais e pretendia-se uma espécie de filosofia moral.³⁶

Um sermão está inserido no âmbito da oratória sagrada. Dirigindo-se à comunidade dos fiéis por força das obrigações do ministério eclesiástico, de acordo com como João Francisco Marques “a intervenção do orador, mesmo quando preparada, pode não haver sido previamente reduzida a escrito ainda que só num esquemático alinhamento de ideias.”³⁷ Nesse sentido, é preciso estar atento à algumas questões de método:

Como averiguar a fidelidade do texto dado ao público e a oração realmente pronunciada? Os tópicos elaborados antes e a posterior redação integral do discurso? O texto concebido para o ato e a sua inclusão mais tardiamente na edição, às vezes póstuma, da obra oratória do pregador? O texto impresso não era a única via de difusão do sermão, que corria também de forma manuscrita. A sua expansão dependia do renome do pregador e da importância do assunto.³⁸

Ao ser impresso o sermão assume um caráter diferente, seu alvo já não é o ouvinte, mas sim o leitor. Nesse formato, extrapola o espaço do templo ou o recinto da praça onde foi escutado para circular numa área mais ampla e diversificada. Se dirige ao homem culto e aos diletantes, ao eclesiástico, leigo, nobre, burguês letrado entre outros atores do cotidiano. Muitos sermões publicados não eram sequer pregados. A atualidade do tema abordado era mais um estímulo para a sua difusão e procura.³⁹

Como o tempo previsto para a pregação do sermão era restrito, diversos pregadores ampliavam os sermões para serem impressos. Esses acréscimos eram feitos a partir de informações e talvez de queixas de ouvintes só possíveis depois de feita a pregação. Em muitos casos as peças oratórias se avolumavam, se assemelhando a tratados.⁴⁰

O texto parenético funcionava como modelo estrutural para inúmeros outros tipos de textos que eram impressos. Os sermões continham justificações moralizantes, registros históricos e genealógicos, testemunhos de milagres etc que faziam também parte dessa produção literária circulante. Essa situação textual importa na medida em que diversos sermões eram ampliados a partir de trechos explanatórios desses demais textos. Um texto

³⁶ BRAGA, op.cit., p.509.

³⁷ MARQUES, João Francisco. **A Parenética Portuguesa e a Restauração**, 1640-1668, a revolta e a mentalidade. Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989, p.8.

³⁸ Ibidem, p.9

³⁹ Ibidem, p.10.

⁴⁰ Ibidem, p.10.

estruturado dessa maneira pode ser entendido como fruto de uma absorção e transformação a partir grande variedade de outros textos, tendo papel fundamental na cultura escrita.⁴¹

Sendo assim os *Sermões* do padre oratoriano Teodoro de Almeida pode ser qualificado como importante prática discursiva no meio cultural lusitano na segunda metade do século XVIII. O que em outras palavras significa que perante as múltiplas representações criadas naquela realidade social (sua descrição segundo o modo como os agentes culturais pensavam que ela fosse ou como desejassem que ela fosse) se fazia como produtora de ordenamento de tais visões de mundo.⁴²

No entanto, se nos foge o modo como tal discurso foi apropriado, ressignificado, é possível descrever algumas condições e processos determinantes das operações construtoras de sentido, tendo em conta as diferenças entre a apropriação de um sermão proferido e um sermão lido, tornado portanto um material impresso, submetido às transformações posteriores, encarnada em um processo editorial, que agora deve levar em consideração diversos outros fatores materiais que condicionam sua difusão e por conseguinte sua apropriação. Essa dinâmica nos mostra que “as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.”⁴³

A obra parenética de Teodoro de Almeida está reunida em três tomos, que vieram à lume no ano de 1787. No prólogo, Teodoro explana alguns dos objetivos que o levaram a publicar seus *Sermões*.

O meu intento na composição destes Sermões sabe o Publico que foi ode satisfacer ao meu Ministério, deve o cão que está de guarda à vinha do Senhor latir e clamar a seu modo, quando persente ladrões que a querem invadir; isto he o que devem fazer aquelles que o Senhor tem chamado para o meu Ministério; e isto tenho feito segundo as minhas pobres forças.⁴⁴

O primeiro tomo, cujo título é *Sermões de Nossa Senhora*, possui quinze peças oratórias, quais sejam: I- Sermão para a festa da Conceição, pregado em Lisboa, no ano de 1779; II- Para uma missa nova em dia da Senhora dos Martyres, pregado em Lisboa, no ano de 1779; III- Para a Natividade da Senhora, pregado em Lisboa, no ano de 1756, depois do famoso terremoto; IV- Para uma missa nova na festa da Senhora das Mercês, pregado em

⁴¹ Ibidem, p.26.

⁴² CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel. 2002, pp.26.

⁴³ Ibidem, p.27.

⁴⁴ ALMEIDA, Theodoro de. **Sermões do P. Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório**. Lisboa: Na Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1787, pp.5-6.

Lisboa, no ano de 1780; V- Do Santíssimo nome de Maria, pregado em Lisboa, no dia da Exaltação da Cruz, em 1755; VI- Para a Soledade da Senhora, pregado em Lisboa, em 1779; VII- Para a restituição da imagem da Senhora das Necessidades, depois de falecer o Senhor Rei D. Pedro III, pregado na igreja das necessidades, em 1786; VIII- Da Senhora da Piedade, pregado em Lisboa, em 1757 em ações de graças quando o Duque de Lafões D. João de Bragança saiu de Portugal para ir militar em Alemanha; IX- De assunção da Nossa Senhora, pregado em Lisboa em 1767; X- Da fugida de Nossa Senhora para o Egito, pregado na igreja da congregação do Porto, em 1764; XI- II do Santíssimo nome de Maria, pregado em Lisboa na Dominga 14 depois da pentecoste, ano de 1778; XII- Da Senhora de Nazareth, pregado na igreja da congregação do Porto, no dia da dedicação da sua catedral, em 1764; XIII- II Da conceição da Senhora, pregado em Lisboa, no ano de 1782; XVI- II Da Senhora das Necessidades, pregado em Lisboa no ano de 1786; XV- Sobre um prodígio da Senhora das Necessidades, pregado em Lisboa no dia dos apóstolos S. Felipe e S. Thiago, em 1780.⁴⁵

O segundo tomo recebe o título de *Sermões Quaresmais*, sendo composto por treze sermões, a saber: I- Sermão para a primeira domingo da quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades em 1783; II- Para a segunda domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1780; III- Para a terceira domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1785; IV- Para a quarta domingo da quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1786; V- Para a quinta domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1782; VI- Para a festa das dores da Senhora, no dia da sua Encarnação, pregado na igreja da Congregação do Porto, em 1768; VII- Para domingo de ramos, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1784; VIII- Da paixão pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1778; IX- II da Soledade da Senhora, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1783; X- II para domingo de ramos, pregado na missão de passo d'arcos em 1755; XI- III da Soledade da Senhora, pregado na igreja da Congregação do Porto, em 1764; XII- IV para a soledade da santíssima virgem, pregado na real casa de n. senhora das Necessidades, no ano de 1755;

⁴⁵ Ibidem, p.6.

XIII- V para a soledade de nossa senhora, pregado na igreja da senhora das necessidades, em 1760.⁴⁶

O último tomo leva o título de *Panegíricos*. É conformado por 15 sermões, são eles: I- Sermão para a festa de São Felipe Néri; II- de São Francisco de Sales; III- de S. Carlos Borromeo; IV- Para a festa de Santa Ana; V- Para o dia dos Santos Inocentes; VI- Para o dia de São Miguel; VII- Da instituição do Santíssimo Sacramento; VIII- Para a festa da Conceição da Senhora; IX- Para o dia de S. Joaquim; X- Sermão II para a festa de S. Felipe Néri; XI- Para o reparo de Nossa Senhora; XII- Sermão II do Santíssimo sacramento; XIII- para a festa do Espírito Santo; XIV- da Ascensão; XV- Sermão III do Santíssimo Sacramento.⁴⁷

Lágrimas no púlpito: o bálsamo lenitivo da religião

O sermão em questão foi pregado em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora das Necessidades, no ano de 1786, após os anos de exílio de Teodoro de Almeida portanto. Seu título completo é *Sermão na Restituição da Imagem de Nossa Senhora das Necessidades, na sua igreja de Lisboa, depois do falecimento do Senhor Rey Dom Pedro III*.⁴⁸ Almeida começa esclarecendo seu público que:

Em vão, coração humano, voastes aos Ceos com os desejos impetuosos de huma vida prolongada para o nosso Monarca; para o que era pai universal dos pobres, exemplo da devoção, consolação do Reino, para o que era ... (já o não temos) ... para o que era a honra do Throno, a edificação do Christianismo: em vão te deixaste levar da brilhante ideia de felicidades, que a continuação de sua vida preciosa nos prometia; porque muito maior felicidade foi que Deos cumprisse nele e em nós os Sagrados designios da sua Providencia. O grande Deos, justo, santo e amoroso, não despachou no Horto o caro filho, pedindo ele com lágrimas, com aflicção e com instância; não o despachou como pedia, que era o livrando do Calis, mais como

⁴⁶ ALMEIDA, Teodoro de. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Sociad Real de Londres, y de la de Viscaya**. Tomo II. Sermones de Quaresma. Madrid, en la Imprenta Real. 1988.

⁴⁷ ALMEIDA, Teodoro de. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Sociad Real de Londres, y de la de Viscaya**. Tomo III. Panegyricos Madrid, en la Imprenta Real. 1788.

⁴⁸ Nascido na cidade de Lisboa em 5 de julho de 1717 e falecido em 25 de maio de 1786, Pedro III era filho do rei D. João V e da arquiduquesa Maria Ana da Áustria. Casado com a rainha D. Maria I, sua sobrinha, foi o Rei Consorte de Portugal e Algarves de 1777 até o seu óbito. Pedro, ficou conhecido também como “o sacristão”, “o Edificador” e “o Capacidonio”. Sua ascensão ao trono juntamente com sua esposa e sobrinha D. Maria I, após a morte do monarca D. José I, foi marcada por grande receptividade quanto aos inimigos do Marquês de Pombal e apoio à repressão de seus protegidos. D. Pedro III também ficou lembrado como protetor da alta fidalguia, tecendo relações com os herdeiros da família Távora, justificada por Pombal em um processo acusatório de uma suposta conspiração contra o rei D. José I em 1758. BRAGA, Paulo Drumond, **D. Pedro III. O Rei Esquecido**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, pp-9-13.

convinha, que era o confortando-o para beber; e esse mesmo Deos não quis agora despachar a sua amada filha, a nossa Soberana na sua angústia; não a quis despachar como pedia, mas por modo muito melhor, e como era conveniente. Não he este o modo de pensar dos mundanos; por isso julgo que será hum ponto digno da vossa instrução, e dos louvores da Virgem Mãi, o mostrar-vos que brilhou muito mais o poder da Senhora, fazendo que na morte d'El Rey se cumprissem os Decretos da Providência do que se fossem despachados os nossos votos⁴⁹

Sensibilizando-se com o luto dos ouvintes, entende que “Antes que falle a Religião, para suavizar a nossa dor, parece-me justo, ouvintes meus que deixemos falar a Natureza”,⁵⁰ o que nos permite imaginar a aura sentimental da ocasião. Na sequência faz uma bela descrição das práticas realizadas pelas pessoas em prol da vida do Rei.

Ao ouvir-se em Lisboa aquelle triste echo EL REY está morrendo, toda a corte perturbada, o povo aflito, os pobres consternados, as Religiosas gemendo, os Eclesiásticos orando, todos clamávamos a Deos; mas Deos não quis ouvir-nos. Clamavamos de dia e mais de noite, huns no retiro dos Claustros, outros nas preces públicas, outros nas procissões devotas; clamavão os meninos, os velhos, os moços; clamavão nas igrejas, nas praças, nas ruas; não se ouvião senão em Lisboa clamores ao ceo pela vida do nosso bom Rey: mas Deos não quis ouvir-nos.⁵¹

Deus fechara os ouvidos ainda para aquelas donzelas, que segundo Teodoro dependiam das esmolas do Rei, que clamavam fervorosamente perante o medo de um futuro assombrado pelas privações, pela fome, pela morte e pelo demônio. As crianças que nem sabiam pedir, choravam porque viam chorar, diz o orador, incentivadas por suas mães viúvas, mas Deus não atendia.⁵²

Para sanar as dúvidas, incertezas e incredulidades surgidas por conta do silêncio de Deus, Almeida começa a apresentar a justificação divina. Mesmo na bem-aventurança, lembra o orador, Deus enxugará as lágrimas de seus escolhidos, sanando “as dores, os gemidos, as mortes, as tentações, os escrúpulos, os perigos, os sustos, os pecados.”⁵³

Grande parte da dor e do sofrimento pela ocasião estava justificada na ocorrência constante de pecados e faltas, toleradas por Deus no que Almeida identifica como o adiamento da morte do soberano. Com a tolerância divina o que se seguia foram os “insultos, homicídios, furtos e outras atrocidades” de modo que no tribunal divino andavam lutando as obras pias do Soberano, como fundação de casas religiosas, novos recolhimentos de virgens

⁴⁹ ALMEIDA, Op.cit, pp.135-136

⁵⁰ Ibidem, p.135

⁵¹ Ibidem, p.135-136

⁵² Ibidem, p.137-139

⁵³ Ibidem, p.139

puras dedicadas a Deus contra os pecados de seu povo. Nesse seguido Teodoro apresenta a morte do Rei como punição por todos os ditos pecados.⁵⁴

Na sequência do sermão dois pontos interessantes são relacionados ao evento, a questão da liberdade da alma frente ao corpo na ocasião da morte e a vitória do Rei, pintado como modelo adequado de vida devota, contra o demônio. Na parenética de Teodoro, ao lado da natureza, corpo e demônio são os principais inimigos das almas humanas.

Perante a santíssima trindade, segue o sermonista, o anjo da guarda do Soberano dissera que já estavam completos seus merecimentos, estava acabada sua brava luta contra o príncipe das trevas. Seria mais crueldade que amor detê-lo no mundo por mais tempo, privando-o de sua verdadeira pátria, da companhia da beatíssima trindade em prol de criaturas vis, terrenas, a vista clara de Deus pelas misérias e horrores mundanos, a conversa com os anjos pela dos seus domésticos: poderia Deus atender nossos pedidos? Pergunta o pregador.⁵⁵ E afirma logo depois

Eis-aqui irmãos meus a contrariedade que acharão no ceo os nossos votos, e o que obrigou o juiz supremo a sentenciar que sem demora o nosso Monarca fosse premiado. Então visitando-o na sua enfermidade o mesmo Rey da Glória, disfarçado na Eucaristia Santa, levou (como piamente cremos) a sua alma para a bem-aventurança; e faleceu o ELRey.⁵⁶

Mas por que a necessidade de um sermão para esclarecer tal situação? Porque os homens ímpios e corruptos, responde Almeida, como feras só conseguem ver o chão e não os céus, sendo presas fáceis o príncipe das trevas que “Poe centinelas a todas as portas dos sentidos, ataca todas as potencias, convida a todas as paixões, valesse de todas as indústrias, mente, finge, persuade, para assenhorar-se da alma”⁵⁷

Em circunstâncias de aflição, desânimo, desamparo, onde a razão ofuscaria, a memória do passado aflige, a ciência do futuro assusta, a consciência acusa, as dúvidas apertam e a esperança vacila os ministros do inferno de tropel acometem a alma vacilante e se animão a investí-la de todos os modos, explica Teodoro a seus ouvintes. Nessas ocasiões o melhor lugar para encontrarmos consolo e refúgio seria Nossa Senhora.⁵⁸

⁵⁴ Ibidem, pp.140-141

⁵⁵ Ibidem, p.142

⁵⁶ Ibidem, p.143

⁵⁷ Ibidem, p.144

⁵⁸ Ibidem, p.145

Na sequência podemos ler a bela e eloquente descrição feita pelo oratoriano da subida da alma bendita do rei, acompanhada de acordo com o mesmo pelo espanto e pasmo das almas malditas que fizeram o máximo para arrastá-lo ao inferno:

ir voando nas mãos dos anjos e apresentar-se ante o Throno da Divina Misericórdia; vê-la-íão toda cuberta da púrpura preciosa do sangue de Christo, em que muitas vezes se tinha lavado: viriã vindo o dote da graça divina que a fazia bela e formosa aos olhos de Deos, correspondente a todas as boas obras que na sua vida fizera: agora lhe servirão de jóias e de coroa com que se adornava. Eis-ahi, ouvintes meus, o fruto de sua devoção à Senhora; ei-ahi o feliz efeito da sua visita; eis-ahi manifestos os designos da Divina Providência em nos negar o que pedimos⁵⁹

Encerra essa parte parte dizendo que Deus não ouviu as preces pois dera a vitória ao rei sobre a vida, as misérias, o que deveria ser entendido como um prêmio de incomensurável valor. O auxílio da Senhora consistiu em libertar a alma do rei do cárcere corporal e dar forças à rainha, sem as quais não poderia fazer tamanha violência à natureza.

mas em todos estes lances, a nossa aflicta Soberana segurava com as mãos ambas sobre o Altar da Cruz o seu coração sensível e alanceado, e não deixava perder nem o mínimo golpe, querendo saber tudo e que nada se lhe ocultasse, para ser mais completo o sacrifício. Com os olhos no Horto dizia (ah e com que força dizia) A vossa vontade Senhor se cumpra; e não a minha. As lágrimas internas corrião, os suspiros mudos voavão, a alma desfeita gemia; mas no exterior o semblante estava sempre sereno, o peito constante, o animo inteiro. Via-se huma igualdade nas acções, hum acerto sem perturbação, hum fervor sem desigualdade, via-se huma atenção às mínimas circunstâncias, e hum domínio tal em todos os teus affectos, que causava admiração. E quem senão vós, oh Virgem poderosa, poderia assim fortalecela?⁶⁰

Só um sacrifício de amor poderia servir de consolação a outro, como o mais belo exemplo verificado na separação de Jesus e Maria.

posta de joelhos eu a considero na ocasião e receber a funesta notícia, com o coração todo em sangue, mas ardendo; com as mãos levantadas ao Ceo, porém tremulas; e com olhos chorozos, porem fixos no Crucifixo dizendo mudamente: Sim, seja, já que esta he a vontade de meu Deos lhe tinha destinado desde o principio do mundo, e fique eu gemendo neste valle de angústias. Assim estava determinado nos decretos do altíssimo: cumpram-se inteiramente; e já que Virgem mãi me faz hoje participante do seu sacrifício, espero que também me faça da sua fortaleza: nos seus maternos braços me entrego.⁶¹

⁵⁹ Ibidem, p.146

⁶⁰ Ibidem, p.147

⁶¹ Ibidem, p.148

Como visto, o orador elabora o sermão com o intuito de explicar a morte de D. Pedro III a partir dos sagrados desígnios da providência divina, argumentando que Deus procede como convém de forma sempre perfeita, sendo que a felicidade humana não consistiria no fato de Deus atender a todos os nossos desejos.

Seu discurso parte de uma elogiosa descrição das qualidades reais, justificando a sensação de dor sentida pela comunidade a quem o sermão se dirigia na ocasião. Depois refaz o trajeto da dúvida frente ao silêncio divino a partir de várias penitências, promessas e outras práticas realizadas pelas pessoas em prol da continuidade da vida do soberano. Na sequência, passa a discorrer sobre o processo de ação divina, advertindo os ouvintes dos vários pecados cometidos constantemente e sua relação com a ação punitiva de Deus representada pela morte do rei, que geraria enorme dor e sofrimento.

No sermão, a figura da rainha é pintada como modelo perfeito de devoção à Nossa Senhora, principal intercessora entre os homens e Deus. Teodoro tece enorme elogio à Maria I e a sua postura, justificando a ação da virgem Maria como consoladora em horas de extrema dor e angústia como naquela ocasião.

Portanto, podemos perceber claramente a organização discursiva de Almeida, que tece uma explicação à morte do Rei de acordo com o dogma da providência divina e instrui seus ouvintes advertindo-os sobre seus pecados e apresentando o modelo devocional representado na postura da rainha, esta por sua vez sempre auxiliada por Nossa Senhora.

Considerações finais

A leitura realizada do sermão pregado pelo padre e filósofo oratoriano Teodoro de Almeida a propósito do falecimento do rei português D. Pedro III em 1786 que realizamos objetivou elucidarmos a relação entre o âmbito do político e a esfera religiosa por meio da parenética, uma prática discursiva e, portanto, cultural de extrema relevância no cotidiano das pessoas na modernidade.

Único sermão de cunho fúnebre e encomiástico presente em um *corpus* parenético composto por 43 peças reunidas em três tomos, tal fonte nos possibilitou compreender como uma ocasião como a morte de um membro da realeza pode servir de elemento fundamental em um discurso que se propunha evangelizador, instrutivo e prescritivo.

O pregador oratoriano nos dá pistas valiosíssimas acerca das práticas penitenciais realizadas em Lisboa a propósito da doença terminal do Rei, e enquadra o falecimento na ação providencial divina, que é contraposta aos desejos vis dos mundanos. Sua reflexão profunda ataca pontos diversos do imaginário social, como a angústia, o sofrimento, o medo da morte, a representação real que se organizam de acordo com os ditames do dogma católico.

Dessa forma, pensamos ser lícito inferir desde um ponto de vista que se pretende um entre vários possíveis, que peças parenéticas como a que analisamos devem ser vislumbradas como um meio extremamente relevante para adentrarmos em um imaginário cultural como o da sociedade portuguesa da segunda metade do século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ALMEIDA, Theodoro de. *Sermões do P. Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório*. Lisboa: Na Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1787.

ALMEIDA, Teeodoro de. *Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Sociad Real de Londres, y de la de Viscaya*. Tomo II. Sermones de Quaresma. Madrid, en la Imprenta Real. 1788.

ALMEIDA, Teeodoro de. *Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Sociad Real de Londres, y de la de Viscaya*. Tomo III. Panegyricos Madrid, en la Imprenta Real. 1788.

Estudos

BIRON, Bertly. Considerações acerca do iluminismo luso-brasileiro. RCL, *Convergência Lusíada* n. 32, julho - dezembro de 2014.

- BRAGA, Isabel M. R. Drumond. As realidades culturais. In: MENESES, Avelino de Freitas (cor). *Nova história de Portugal: Portugal da paz da Restauração ao ouro do Brasil*. Editorial Presença, 2001.
- BRAGA, Paulo Drumond. *D. Pedro III. O Rei Esquecido*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.
- CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. *As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro. 1759-1834*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. 2002
- CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos avançados*, São Paulo, n.64, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Editora Guanabara, Rj, 1989.
- GOVASKI, Patrícia. *Ilustração e filosofia natural em Portugal: a Recreação Filosófica (1751-1800) do padre Teodoro de Almeida*. Universidade Federal do Paraná: Dissertação de Mestrado em História, 2017.
- MARQUES, João Francisco. *A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, a revolta e a mentalidade*. Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989.
- SANTOS, Cândido dos. *Matizes do Iluminismo católico da época pombalina*. Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004, p.949-956.
- SANTOS, Eugénio dos. Para a história da cultura em Portugal no século XVIII: Oração de abertura da Academia de Ciências de Lisboa do padre Teodoro de Almeida. *Repositório Digital Universidade do Porto*, 1980, p.53-90.
- SANTOS, Zulmira C. *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutorado, 2002.